

# O SER/ESTAR PROFESSORA NOS ANOS DE 1940-1960: DESAFIOS DE MULHERES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

TERESINHA DE JESUS ARAÚJO MAGALHÃES NOGUEIRA\*

MARIA DO AMPARO BORGES FERRO\*\*

**Resumo:** O estudo objetiva analisar histórias de vida de professoras em escolas confessionais. Investiga de que forma essas mulheres construíram sua formação profissional e enfrentaram desafios. Fundamentado na Nova História Cultural, utiliza metodologia da História Oral, por meio da triangulação de fontes orais e escritas. Observa-se, no conjunto de análise, os desafios dessas mulheres em sua formação profissional – ser professora.

**Palavras-chave:** História da Educação; Formação profissional; Ser Professora.

## *TO BE A TEACHER IN THE YEARS 1940-1960: CHALLENGES OF WOMEN IN THE HISTORY OF EDUCATION*

**Abstract:** *The study aims to analyse life stories of teachers in confessional schools. We searched how these women built their vocational training and faced challenges. It's based on the New Cultural History, using Oral History methodology through triangulation of oral and written sources. It is noted, on the analysis set, the challenges of these women in their vocational training - to be a teacher.*

**Key-words:** *History of Education; Vocational training; To be a teacher.*

### **Introdução**

Este estudo apresenta uma análise das histórias de vida de professoras, destacando suas vivências em relação à formação profissional na década de 1940 a 1960. Buscam-se, na Nova História Cultural<sup>1</sup>, as análises dos gestos e práticas desenvolvidas por mulheres

---

<sup>1</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: BERTRAND, 1990.

---

\*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED). Professora da Universidade Federal do Piauí/UFPI. Bolsista da CAPES, Processo n°. 99999.013071/2013-00 – Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL). Sob orientação do Prof. Dr. Justino Pereira Magalhães. E-mail: [teresinha.nogueira@uol.com.br](mailto:teresinha.nogueira@uol.com.br).

\*\*Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED). E-mail: [amparoferro@uol.com.br](mailto:amparoferro@uol.com.br)

nordestinas do extremo Sul do Piauí/Brasil, que contam suas histórias de vida e de formação pessoal e profissional no período citado. Nessas histórias se destacam os desafios por elas vivenciados. Portanto, o problema que originou este estudo está assim definido: como as mulheres, professoras das escolas confessionais, construíram sua formação nas décadas de 40 a 60? Buscou-se, também, destacar alguns desafios por elas enfrentados. Desenvolveu-se uma análise de conteúdo fundamentada em Bardin<sup>2</sup>, sustentada na perspectiva teórico-metodológica da Nova História Cultural, na compreensão de que “O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta.”<sup>3</sup>

Assim, parte-se de um olhar com base nas novas metodologias e perspectivas oportunizadas pela Nova História Cultural, a chamada “Terceira Geração”, que tem por questões os diferentes modos de representações, construções discursivas das identidades e subjetividades, como reflexos do que se considera virada linguística. Neste sentido, tem-se nos Annales a organização de uma nova ideia de história, uma Nova História Social que se contrapõe à História Política, homogênea e universal. Esses novos olhares se diferenciam, tendo por ponto de partida a noção de experiência, que representa a Nova História Social (Nova História), e pela noção de discurso, ponto de partida da Nova História Cultural. Entre as novas perspectivas oportunizadas pelas novas ideias, tem-se a questão de gênero, entre outras, que favorecem estudos sobre novos objetos, com base em diferentes fontes documentais e orais<sup>4</sup>. Essa nova perspectiva possibilita a reconstituição/produção de um conhecimento histórico, que de certa forma se apresenta inovador.

Como já citado, esse novo olhar histórico possibilita o reconhecimento de novos objetos e sujeitos históricos, bem como o uso da metodologia da História Oral, fundamentada em José Carlos Meihy<sup>5</sup> e Meihy; Lang<sup>6</sup>, que conduzem a conceituação objetiva desta nova forma de fazer história. Procurou-se, também, embasamento nas teorias de Maurice Halbwachs<sup>7</sup>, que possibilitam compreender a relação que as ideias e preocupações individuais levam à percepção de seus reflexos, desafios comuns e enfrentamentos, nas personalidades

---

<sup>2</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

<sup>3</sup> LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003, p. 13.

<sup>4</sup> WEINSTEIN, Bárbara. A pesquisa sobre identidade e cidadania nos EUA: da Nova História Social à nova História Cultural. *Revista Brasileira de História*. São Paulo v.16, n.35, p.227-246, 1998.

<sup>5</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>6</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Revista História Oral: um auto-olhar*. In: HISTÓRIA ORAL: *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.7, v.7. jun. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2004.

<sup>7</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

dos membros da comunidade a qual pertencem, e de forma específica, nas instituições em que estudaram, trabalharam, em uma relação entre a memória individual e coletiva.

Portanto, as histórias de vida são definidas “[...] como busca e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, envolve um processo de expressão da experiência.”<sup>8</sup> Compartilha-se, neste estudo, com a preocupação em não conceber a mulher no sentido abstrato da palavra, como essência única e a-histórica, ao contrário, procura-se reconhecer as mulheres no contexto de diversidades e historicidade de situações em que se encontram, tendo em vista que “[...] os modos de registros das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração.”<sup>9</sup> Por muito tempo as mulheres foram compreendidas como incapazes, marginalizadas em seus direitos, sob um olhar positivista. “No teatro da memória as mulheres são sombras tênues. A narrativa histórica tradicional reserva-lhes pouco espaço [...]”<sup>10</sup>

Contrapondo-se a essa posição, Michelle Perrot<sup>11</sup> demonstra a capacidade das mulheres, enquanto agentes sociais capazes de agir com criatividade, construir e modificar a História. Portanto, capazes de investir contra as múltiplas manifestações do poder, de forma consciente, como elaboradoras de iniciativas; passam de uma visão de fragilidade, de objeto, de um ser incapaz, para alguém capaz de se perceber em suas experiências, merecedora de, assim como a figura masculina, ocupar lugar na memória social. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de se apresentar de forma inovadora a imagem da “mulher popular rebelde”<sup>12</sup>, termo usado pela autora, no sentido de demonstrar que a mulher era capaz de conscientemente perceber-se como um agente transformador, adquirindo autonomia frente aos poderes masculinos. Nesse sentido, este estudo se delimita à história das mulheres voltadas para a construção da história da educação em Corrente, Piauí. Em relação a “*histórias da educação* [...] as investigações que vêm sendo realizadas no campo não se restringem mais ao ensino e ao pensamento pedagógico, objetos tradicionais da disciplina.”<sup>13</sup> Hoje, há uma aproximação da história da educação com outras ciências humanas e da própria história, o que contribui para que o estudo das mulheres também se torne objeto de pesquisa. Nesse âmbito, ao se partir de propostas que possibilitam a construção de um conhecimento histórico que tem como ponto de partida a problematização das situações contextualizadas na percepção do

<sup>8</sup> PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Natal, RN: EDUFRN, 2012, p.15.

<sup>9</sup> PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista TRAVERSESES*. n.40. 1989. p.15. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?perrot%20michelle1ticas20feminina>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

<sup>10</sup> PERROT, op.cit., 1989, p. 1.

<sup>11</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

<sup>12</sup> PERROT, op. cit., 1989.

<sup>13</sup> GALVÃO, Ana Maria de; LOPES, Eliana Marta Teixeira. *Território Plural: a pesquisa em história da educação*. São Paulo: Ática, 2010, p.43, grifo da autora.

movimento e dinâmica do objeto estudado, considera-se que conhecer os desafios e práticas de formação das professoras investigadas, possibilita a compreensão de aspectos ainda presentes no contexto educativo, sendo, portanto, um contributo à história que se aborda. Corroborando essa afirmação, apresenta-se o item que segue sobre a mulher como objeto de conhecimento histórico.

### ***As mulheres como objeto epistêmico na história da educação***

Predominou, no século XIX e início do século XX, uma história herdada do iluminismo, conhecida como aquela voltada ao paradigma positivista, em que o sujeito da história apresentava um caráter universal, geralmente representado pelo homem (branco ocidental) como o herói, subtendendo-se que quando se fala de homem, está incluída também a figura da mulher. Em contraposição à trama de uma racionalidade universal, surge na década de 20 o grupo dos Annales, que propunha ampliar o leque de fontes, valorizando pessoas comuns. Há um diálogo dos historiadores com outras ciências sociais e com as ciências da natureza e da vida. Surgem novas tendências da historiografia – a História Nova. Emerge um novo olhar, que possibilita retirar as mulheres do silêncio e da submissão produzida no discurso historiográfico, centrado em heróis representados pelo homem.<sup>14</sup>

A história das mulheres conflui com as demandas do feminismo, que buscava uma maior visibilidade no espaço público. A partir dos anos de 1960 e 1970, apresenta-se no Brasil o que já acontecia em outros países do mundo, o movimento feminista, com o intuito de conquistar a igualdade de direito entre homens e mulheres. Segundo Galvão e Lopes:

Esse movimento social repercutiu nas pesquisas acadêmicas, sobretudo no campo das ciências sociais e humanas. A história não ficou à parte: o sexismo, imperante na historiografia de até meados do século XX, foi aos poucos sendo substituído pela exigência de fazer história levando em conta homens e mulheres. A história da educação aceitou essa constatação e esse desafio.<sup>15</sup>

Segundo Rago<sup>16</sup>, em relação às discussões entre as teorias do feminismo sobre uma definição precisa do gênero, há uma preocupação em se evitar as oposições binárias que se apresentam de forma fixa e naturalizadas. Essa preocupação leva a se trabalhar com relações, na percepção de que os estudos feministas se “[...] aproximam da história cultural. Com esta

<sup>14</sup> LE GOFF, op. cit., 2003.

<sup>15</sup> GALVÃO, Ana Maria de; LOPES, Eliana Marta Teixeira, op. cit., 2010, p. 58.

<sup>16</sup> RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995. Disponível em: <[http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf)>. Acesso em 20 jun. 2014.

nova proposta metodológica, insiste-se em que consideremos as diferenças sexuais enquanto construções culturais [...]”<sup>17</sup>, procurando desmontar conceitos que fixam e enquadram os sujeitos, suas condutas, ações e representações. Nesse sentido, quando se falava “[...] em educação ou história da educação, era sempre de meninos que se falava, já que o masculino era tornado universal [...] O gênero é uma categoria relacional que permite estabelecer construções constantes, tendo em vista a cultura.”<sup>18</sup> Mas, não é só inserir a história em um campo do “saber sexuado”, a educação, articulada à história, exige interdisciplinaridade de conhecimentos e o reconhecimento das diferenças.

Nesse contexto, a partir da década de 80 surgiram os trabalhos que contemplam esse tema na educação. Têm-se pesquisas que incluem a categoria gênero e outras dedicadas às mulheres e às relações por elas estabelecidas nos diversos espaços, como nas empresas, na família e nas escolas. Há uma tendência de se associar a imagem da mulher à profissão de professora, sendo essa vista historicamente, não como profissão, mas como uma ocupação, pois a inserção das mulheres no campo profissional foi uma lenta e difícil conquista que se processa até os dias atuais. Em uma análise histórica, as mulheres sempre ensinaram, mas seu trabalho era percebido em uma visão materna de ensino, o objeto de ensinamento das mulheres não tinha importância histórica.

Em meados do século XIX até a década de 1930 do século XX, as congregações de ensino e seus colégios que chegaram ao Brasil, dedicavam-se ao ensino primário e à formação de professoras, o que possibilita “[...] dizer que há um *ethos* religioso fundante na formação das primeiras professoras no Brasil, [...] esse *ethos* religioso se associou a aspectos da formação da mulher num país escravista, recém-saído da situação colonial [...]”<sup>19</sup>. As autoras consideram que foram criados dois polos de formação que produziram, em diferentes regiões e situações, estereótipos distintos de professoras e de práticas pedagógicas. Observa-se que, independente destes polos de influência, cada uma desenvolve seu próprio caminho na construção do seu jeito específico de ser professora.

### ***Mulheres de ação: construindo a educação***

A história da educação aparece constituída em discurso científico, voltando-se para estudos histórico-educacionais, contemplando, em sua pluralidade, as diversas dimensões, apresenta-se como “memória e paradigma”. Enquanto memória, “preserva e organiza”, em

---

<sup>17</sup> RAGO, op. cit., 1995, p. 88.

<sup>18</sup> GALVÃO; LOPES, op. cit., 2010, p. 58.

<sup>19</sup> GALVÃO; LOPES, op. cit., 2010, p. 59.

forma de repertório das recordações e representações que se manifestam de forma oral, escrita, por meio das emoções, afetividades, entre outras formas de ver, ouvir e pensar o mundo. Como paradigma, busca questionar, pensar e agir em educação, na constituição de um agir que explica a racionalidade das ações educativas.<sup>20</sup>

Com essa visão, tem-se que todos constroem história própria, mas a história de uma comunidade, de uma instituição, ou mesmo a história da educação, para ser construída requer ações coletivas em benefício do outro, de uma causa maior e de si próprio, requer, por exemplo, que o(a) professor(a) busque meio de melhorar sua formação, não apenas como algo pessoal, para seu benefício próprio, mas para um bem maior, para as questões sociais, a qualidade da educação e do entorno em que vive. O que vai diferenciar a forma como se constrói a história são as ações transformadoras.

É nesse sentido que se tem como essas mulheres atuaram na educação na cidade de Corrente(PI). Busca-se, portanto, conhecer os desafios delineados na luta por sua formação pessoal e profissional. É com base nas histórias de vida e em documentações, que se percebeu a construção realizada por essas mulheres, de uma melhor qualidade de ensino para a instituição e, em consequência, para a cidade, o Estado... o país...

Encontram-se pessoas, em vários lugares do Brasil, oriundas do Instituto Batista Correntino (IBC), antigo Instituto Batista industrial (IBI), agradecidas pelo trabalho dessas mulheres que em épocas difíceis proporcionaram um ensino de qualidade, construindo a história da educação em Corrente(PI). Apresenta-se o testemunho de um ex-aluno do IBI:

Datada de 12 de setembro de 1981, recebo de minha ex-professora do IBI, Edy Guerra Nogueira, uma carta, falando-se de sua alegria com a notícia lida por ela, através do Jornal A Tarde, de minha nomeação para certo cargo, em Salvador, no Banco Central do Brasil.[...] Sua alegria e carinho, com que acompanhava os passos dos seus ex-alunos, são os mesmos que os preparava em aula para a vida, sabendo quantos seriam os desafios que haveriam de enfrentar num mundo já extremamente competitivo. [...] se alguns méritos acompanhavam meus passos, como a de tantos outros seus ex-alunos, grande parte desses méritos devíamos ao nosso saudoso IBI, cujo corpo docente, nas pessoas de professores como Edy, Jedida, Antonio Soares Augusto Fernandes, Nicodemos e tantos outros, soube nos preparar ética e moralmente para os desafios [...] com as bases essenciais [...]<sup>21</sup>

Por meio da narração escrita em seu livro *Resgate de um débito*, o autor cita mulheres que fizeram a história da educação em Corrente(PI). Destaca-se, aqui, um pouco da história da professora Edy Guerra Nogueira, que nasceu em 1921, um ano após a fundação do Instituto

---

<sup>20</sup> MAGALHÃES, Justino. A história das instituições educacionais em perspectiva. IN: GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G. (Org.). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produções e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2005.

<sup>21</sup> LANDIM, José Paes. *Resgate de um débito*. Salvador: EGBA, 2013, p.65-66.

Batista Industrial (1920), hoje instituto Batista Correntino (IBC). Edy, com apenas 15 anos (1937), sai de Corrente, cidade do extremo Sul do Piauí, para estudar no colégio Americano Batista, em Recife-Pernambuco, enfrentando uma longa viagem, por ela narrada em junho de 2004:

[...] era uma aventura! Chegando a passar de 15 a 20 dias de viagem, no qual se saía a cavalo, pegava um “vapor”, enfrentava-se o Rio Grande e, posteriormente, São Francisco, chegava até Juazeiro e lá se pegava um barco a remo para Petrolina (Pernambuco), daí se passava para uma “marinete”, um carro que comportava de 15 a 20 pessoas, rumo a Recife.

Mas, a mulher nordestina – verdadeira guerreira, não interrompe seus estudos. Dando continuidade a sua formação, frequenta a Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC), capacitando-se para ser professora, formando-se em 1940. Retorna à cidade de Corrente e, em 1941, inicia sua carreira como educadora, professora do IBI que, posteriormente, foi denominado de Instituto Batista Correntino (IBC), sendo também professora da rede Pública Estadual. Exerce, como a maioria das mulheres, também o papel de esposa e mãe. Não se conformando em acomodar-se em seus conhecimentos, busca uma capacitação em nível superior em Licenciatura em Português, em História Geral e em História do Brasil, no ano de 1960, na cidade de Teresina, capital do Piauí. Lá faz os cursos supracitados, ofertados por um programa de governo que entrou em vigor pelo Decreto nº 34.638, de 17 de novembro de 1953, que estabelece em seu *Art. 1º* que “Fica instituída, na Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades).”<sup>22</sup>

A professora Edy Nogueira – “Tia Edy”, como era conhecida na cidade, além do ministério cristão e do magistério, tinha também uma grande dedicação pela política – sendo a primeira vereadora mulher da cidade de Corrente. Exerceu, também, por duas vezes, o cargo de Secretária Executiva Municipal. Na área da Educação Pública, também por 15 anos, exerceu o cargo de Supervisora de Língua Portuguesa, de Ensino Religioso e Educação Física e Educação Artística da 15ª Regional da Educação do Estado de Piauí.<sup>23</sup> Portanto, a partir desta breve biografia se confirma a contribuição da Profa. Edy Guerra Nogueira – citada por seu ex-aluno como uma mulher que fez a diferença, construindo a educação em Corrente e participando da política do município.

<sup>22</sup> BRASIL. *Decreto 34638/53* | *Decreto nº 34.638, de 17 de novembro de 1953*. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/116558/decreto-34638-53>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

<sup>23</sup> NOGUEIRA, Edy Guerra. *Maravilhosa e abençoada história: Igreja Batista de corrente 100 anos a serviço do Senhor da Seara*. Teresina-PI: Halley, 2003.

Muitas mulheres construíram e constroem a educação no Município de Corrente, mas, destacam-se, representando as educadoras do Município, essas grandes mulheres – que atuaram na história de Corrente, principalmente na área da educação. Apresentam-se fragmentos das histórias de vida de Carmem Alayde Nogueira Paranaguá, professora aposentada que atualmente administra um Cartório na cidade de Corrente, que representa a educação confessional Batista; Maria da Conceição Avelino, professora aposentada, está atualmente terminando o Curso superior em Teologia, representa a educação confessional Católica. Procura-se dar espaço para a voz da mulher...

[...] recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido.<sup>24</sup>

Ao se ouvir as mulheres professoras da cidade de Corrente(PI), destacam-se, entre os desafios, os pontos comuns às lutas para dar continuidade ao estudo. Conforme a Profa. Carmem Alayde:

E, então, no ano de 1944, eu estava com quinze anos, fui para Recife, a igreja nos mandou [...]. E nós fomos... agora, naquela época não havia luz em Corrente, era cheia de buraco, nós brincávamos, mas muitas e muitas vezes à noite tínhamos que preparar as aulas com lamparinas com querosene. Naquela época não tinha nada, e Corrente não tinha luz, épocas muito difíceis, mas isso só fazia com que nós desejássemos fazer o melhor [...]. Então, fomos preparar a viagem para Recife, não havia transporte, então nós fomos a cavalo, nós três, com três pessoas mandadas pelas famílias, levando os animais com as cargas, com as comidas, e fomos em três dias, daqui de Corrente para Santa Rita de Cássia, e tivemos que preparar tudo para dormir, [...] a comida era feita por nós, pois parávamos no meio do mato, e lugares assim. E chegando a Santa Rita, tivemos que esperar vários dias pelo vaporzinho chamado Jansei Melo, chamado caixa de fósforo, o vapor tinha apenas um... lugar onde se dorme ... um camarote, o mais todo mundo dormia junto, embaixo, nas redes etc. [...] e fomos descendo, muitos dias, uns quatro dias, não lembro, até quando chegamos em Juazeiro [...] ficamos ali por mais de uma semana, porque não havia transporte de Petrolina, que é do outro lado do Rio São Francisco, Juazeiro fica de um lado – Petrolina do outro [...], teríamos que atravessar [...], à tardzinha ele nos levou à escola e me entregou a Lídia, que tinha sido minha primeira professora, mas que era agora era secretária. Ela passou vários dias nos orientando, nos ensinando, pois nós éramos como se fôssemos cegas, pois não havia nada aqui [Corrente].

Observam-se as mesmas dificuldades encontradas, anos depois, pela Profa. Conceição Avelino:

Quando eu viajei para Santo Antônio de Jesus, em fevereiro de 1959, eu fui de jeep, daqui de Corrente para Barra do Rio Grande-Bahia. Chegando em Barra, passei uma semana,

<sup>24</sup> PORTELLI, A. *História Oral e Poder*. 2010. Disponível em: <[http://alessandroportelli.blogspot.pt/2010\\_12\\_01\\_archive.html](http://alessandroportelli.blogspot.pt/2010_12_01_archive.html)>. Acesso em: 28 jun. 2014.

depois de uma semana consegui pegar um vapor, o “ Siqueira Campos”, viajei pelas águas do Rio São Francisco nesse vapor, foram três dias com três noites. Chegamos em Juazeiro da Bahia, passei mais dois dias, peguei um trem e fui nesse trem de Juazeiro até Salvador. Em Salvador eu peguei um barco pequeno pela Baía de Todos os Santos e fiz, de Salvador até Nazaré, que é uma cidade próxima, e de Nazaré eu fui novamente de trem até Santo Antônio de Jesus, parece que foi de uns oito a dez dias de viagem naquela época. Isso a viagem de ida. [...] E de volta, em dezembro, a viagem foi mais engraçada. [...] de Barra para Santa Rita viajei num caminhão, de Santa Rita pra Corrente, viajei sete dias montada num jumento. Para Corrente, foram sete dias de viagem.

As professoras enfrentaram não só dificuldades para chegar a seus destinos, mas em ter que conviver com outra realidade, totalmente desconhecida; até a energia elétrica era uma novidade, como narrou a professora Carmem, “era como se fossem cegas”. No entanto, a luz interior era grande, elas viam um futuro por construir, histórias que construíram com lutas, criatividade, ações e enfrentamento de muitas situações, como por exemplo, a jovem Carmem Alayde, em Recife, capacitando-se na Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC):

Para entrar no seminário tinha um quase chamado de exame de admissão, então, quando fomos frequentar o curso o senhor me chamou e disse: “Você não precisa assistir essas aulas, pois andei lhe observando e você não precisa frequentar as aulas, você arranja um lugar.” Fiquei até as proximidades das provas, fiz as provas, passei.

Observa-se, na história da professora, que a cegueira que elas consideravam era apenas em relação à urbanização que a cidade não proporcionava, mas em relação à educação, mesmo sem infraestrutura física as escolas confessionais daquela cidade possibilitavam uma grande luz ... o conhecimento... a qualidade do ensino-aprendizagem expressa nas ações de suas ex-alunas. Em outro momento de aula em Recife, narra a Profa. Carmem:

A professora, D. Miriana, era da Suíça, e no início das aulas chamou um número, seis, era seis o meu número. Ela elaborou uma pergunta e pediu para escrever no quadro. Ela notou que eu sabia e foi botando coisas mais adiantadas e eu respondendo. Estava um silêncio na sala, eu ficava de costas para a turma... Ela disse:

- Menina, você é de onde? - Eu sou do Piauí.
  - De que lugar? E eu disse: de Corrente.
  - Ah! Então é justificável. Você já sabe esse conteúdo.
- Eu me comunicava em Francês com meu ex-professor.

Da mesma forma, tem-se nas histórias de Maria da Conceição Avelino – conhecida como professora Conceição Avelino, a perseverança e a visão de futuro das mulheres de Corrente, em busca de sua formação – ser professora.

Terminando o curso ginásial, continuei em Corrente trabalhando como professora numa turma de 4º ano primário, para economizar os proventos e sair para uma cidade maior para continuar os estudos de nível médio. E, assim, fui para Santo Antônio de Jesus (Bahia), em 1959, onde estudei o 1º ano do Curso Normal Pedagógico na Escola das

Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil, esta tem o mesmo nome da cidade. De volta, fiquei em Barra do Rio Grande-BA, onde terminei o Curso Normal Pedagógico, no Educandário Santa Eufrásia, escola das Irmãs da Imaculada Conceição (1961). Eram Escolas confessionalmente católicas, todas dotadas de excelentes professores e de uma organização especial. Preocupadas com a formação integral dos seus alunos, e proporcionavam ensino de qualidade. Nelas estudávamos as línguas estrangeiras: Latim, Francês e Inglês. Conversávamos com nossos professores corretamente. Tínhamos aulas de Educação Musical, que era chamada de Canto Orfeônico, assistíamos aulas de Educação Religiosa, muito bem preparadas, cujos professores eram padres ou freiras, devidamente preparados.

Pode-se observar, na fala da professora, o currículo das escolas católicas. As instituições de Corrente também apresentam, desde sua fundação, um currículo diversificado, como se pode observar no Manual do Instituto Batista Industrial, denominado *Prospecto do Instituto Baptista Industrial – Corrente – Piauí – Anúncios para 1924*.

#### SEPTIMO ANNO

1- Arithmetica-Completa progressiva de Trajano e começa F.T.D. 2- Português – Segundo livro do Discipulo-Exercícios, analyse etc. Leitura e interpretação de trechos clássicos. 3- Inglês. Lições Elementares. Fifty Famous Stories Retold Ploetz 5- Geografia - Curso Superior por Oracio Scrosoppi 6- História do Brasil – Andrade 7- Chorographia do Brasil 8- Cosmographia. [...] Além destes cursos descriptos são offerecidos outros, [...] Ensino hygienicos aos alumnos que desejarem toma-los.<sup>25</sup>

A partir dos cursos (disciplinas) ofertados pela instituição nos seus primeiros anos, ainda se mantêm as disciplinas voltadas para língua estrangeira, como por exemplo, o Francês, no ano em que a professora Carmem Alayde Paranaguá estudou.

Tem-se em comum entre as ex-professoras do Instituto Batista Industrial, Edy e Carmem, a formação na ETC. E esse ponto comum leva à história de outra grande mulher de ação, a amazonense Josefa Silva, que possibilitou a formação das mulheres do Piauí. Mas, como isso aconteceu?

Ao se pesquisar sobre a Escola de Trabalhadoras Cristãs, tem-se que essa era denominada de Escola da Bíblia, e teve seu início em 1918, quando uma mulher de ação, Josefa Silva, ao chegar da região Norte do Brasil (Amazonas), na cidade de Recife (Nordeste do Brasil), procurou uma instituição batista para estudar. Descobriu que essas instituições não aceitavam mulheres. Não se conformando, buscou ajuda; mais uma vez se pode ver a repercussão do agir de uma mulher – pessoa que tem determinação e busca transformar sua realidade:

---

<sup>25</sup> PIAUÍ. Instituto Batista Correntino. *Prospecto*, 1924, p. 11-12.

Em 1917, uma amazonense decidiu vir a Recife para estudar a Bíblia. Foi grande a sua surpresa ao constatar que as escolas existentes, Colégio Americano Batista [...] não aceitavam mulheres como alunas. Ela, porém, estava determinada a obedecer à voz de Deus, e a não sair daqui, até que tivesse recebido o preparo adequado para exercer sua atividade de professora da Bíblia junto às suas crianças no Amazonas. O casal Taylor hospedou Josefa Silva em sua casa, organizando a primeira escola feminina do Brasil para estudo da Bíblia. A princípio recebeu o nome de *Escola da Bíblia*, formando duas alunas, em 1918, Josefa Silva e Anísia Duclerc. [...] uma simples escola, que começou com duas alunas, e em 1920 mudou de prédio e de nome, para *Trainning School*, já contava um número expressivo de alunas. [...] Em 1922, passou a se chamar *Escola de Trabalhadoras Cristãs*, [...] formando cada vez mais alunas de todo o Brasil. Em 1958, formou-se a primeira aluna com grau de Bacharel em Educação Religiosa, Marialva Gonçalves, razão porque a Escola recebeu o nome de *Seminário de Educadoras Cristãs* [...] Em 1994, passou a chamar-se *Seminário de Educação Cristã* [...].<sup>26</sup>

A ação de uma mulher em busca de seus direitos possibilitou a inserção de muitas outras mulheres. Foi nessa instituição que anos depois a professora Carmem se formou, na Escola de Trabalhadoras Cristãs, que tradicionalmente recebia alunas das instituições batistas. Já a professora Conceição Avelino estudou o 1º ano do Curso Normal Pedagógico na Escola das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil, também instituição tradicional que recebia as alunas dos colégios católicos e, posteriormente, dando continuidade ao curso no Educandário Santa Eufrásia, escola das Irmãs da Imaculada Conceição (1961). Assim, têm-se duas educadoras formadas em instituições religiosas de denominações diferentes – uma católica e outra batista, mas com um ideal em comum – serem professoras.

Ao analisar as histórias das professoras, compreende-se que “cada experiência e cada sucesso, enquanto conjunto de eventos e de atos, são marcados por uma transformação, por uma singularidade.”<sup>27</sup> As experiências das professoras, em seu processo de formação, levaram a profundas transformações em nível pessoal e profissional, bem como a transformações no ambiente em que viveram, construindo, cada uma, de forma singular, a sua maneira de ser/estar professora, desenvolvendo as metodologias, seguindo modelos, regras, criando novas formas pedagógicas, enfim, agindo. “No plano educativo e, por extensão, no plano escolar, a ação é uma dimensão integrante de todo o processo, nos planos de auto, hetero e interação. Dependendo da modalidade, os testemunhos documentam e informam sobre a realidade de maneira distinta.”<sup>28</sup>

<sup>26</sup> SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ. Disponível em: <<http://sec.org.br/historia/>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

<sup>27</sup> MAGALHÃES, Justino. Mediações da cultura escolar: a prática como normatividade. In: FERNÁNDEZ, J. G.; TOCINO, G. E.; MIRANDA(EDS), M. B. *La escuela y sus escenarios*. Actas de los IX Encuentros de Primavera en El Puerto. El Puerto de Santa María, 2007, p. 197.

<sup>28</sup> MAGALHÃES, op. cit., 2007, p. 197.

Entre essas maneiras de informar sobre a realidade se encontram as histórias orais de vida de formação, que expressam as singularidades de cada formação e, ao mesmo tempo, os pontos comuns. Portanto, pode-se, a partir das histórias, compreender que “as lembranças coletivas viriam aplicar-se sobre as lembranças individuais; mas será preciso, então, que as lembranças individuais estejam lá primeiramente, senão nossa memória funcionaria sem causa.”<sup>29</sup> Encontra-se, em cada lembrança sobre o processo de formação, a causa que levou as professoras para uma formação continuada na cidade de Teresina(PI), ou seja, a necessidade de conhecimentos específicos para dar aula no ensino secundário. Observa-se na fala da professora Carmem:

[...] comecei a ensinar também no ginásio [...], ensinei Francês, também em todas as séries, e dei algumas aulas de História da Civilização [...] ensinei Canto Orfeônico. Então, para isso... porque no Piauí não havia ainda faculdade de Filosofia, e nós tínhamos que sair daqui; o Dr. Johnson, já nessa época, era o diretor, também americano, nos levava até Gilbués, em um jipe velho, de Gilbués nós tomávamos um avião que vinha de São Luiz a Brasília, depois tiraram, era no tempo dos garimpos, e nós íamos a Teresina, passávamos o mês inteiro fazendo o curso da Cades, vinham professores do Rio de Janeiro, outros eram aí mesmo de Teresina, e nós fazíamos esse curso de preparação para que pudéssemos ensinar no ginásio [...] eu fiz um curso um ano de Português, outro de Francês e Canto Orfeônico. De três vezes eu, Edy, Edehy, e outras, assim fizemos.

Está registrada na memória individual da professora a necessidade de formação em suas áreas específicas, que expressam a coletividade dessas ações, demonstrando que era comum a instituição encaminhar e providenciar meios para a formação continuada dos professores(as) que atuavam no Ginásio do IBI, o que demonstra interesse pela qualidade de ensino. Da mesma forma, tem-se na memória da professora Conceição:

[...] terminado o curso Normal Pedagógico, voltei para Corrente, onde me instalei com meus pais adotivos, e fui lecionar no Ginásio São José: História e Geografia, depois Educação Musical e Religiosa, durante 45 anos, dos quais tenho as melhores recordações. E nesses anos, fiz alguns cursos de aperfeiçoamento nas disciplinas, no Curso de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário (Cades); em História, [...] e Geografia.

Portanto, em comum as professoras, mesmo em épocas diferentes, ampliaram sua formação no programa do governo denominado Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades), que a professora chama de “Curso de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário”; esse programa, como já citado no início deste estudo, foi responsável pela formação continuada de muitas professoras.

---

<sup>29</sup> HALBWACHS, op. cit., 1990, p. 62.

E assim se processa a história das mulheres da Cidade de Corrente que buscaram uma “estranha, insólita e controversa profissão, a de professor[a].”<sup>30</sup> Esses adjetivos à profissão “professora” possibilita destacar funções de trabalho que a torna uma profissão complexa e paradoxal:

Trabalhando com a infância e a juventude, com objectivo de preparar o futuro, a função docente foi historicamente uma profissão normalizada, ciclicamente criticada de reprodutora e fixista. Tradicionalmente nóbil, a função docente congregou num intelectual informado e metódico as marcas do clérigo, do nobre, do cívico-urbano, do actor, com o desígnio de regenerar e transformar a sociedade, oscilando entre mestre/instituidor e oficial, e ficou modelada no professor. Assente na premissa fundante de um profissional autónomo e responsável [...]<sup>31</sup>

O(a) professor(a) tem sobre si uma história de preconceitos, de características que o(a) define e cobranças de ter que suprir muitas necessidades sociais. Atualmente, acrescenta-se a estas características a resiliência, que aparece como um conjunto de processos, explicando ações das pessoas na superação de crises e de adversidades, em grupos ou de forma individual. Provém dos resultados de interação entre individual/contexto social, aspectos relacionados à quantidade/qualidade dos diversos acontecimentos no processo de vida do(as) professores(as).<sup>32</sup>

Considera-se, na análise realizada, como principal característica observada nas narrativas das professoras o compromisso de ser professor/educador, expresso nas palavras de Gutiérrez (1988)<sup>33</sup>, ao afirmar que o educador, quando se conscientiza da convicção de estar preparando homens/mulheres para uma sociedade justa e democrática, atuará de forma bem diferente daquele professor cuja preocupação máxima é cumprir normas de uma instituição, ou seja, apenas limitar-se a cumprir diferentes itens de um programa. É no sentido de ser educador, oportunizando a construção de vidas transformadas, que se compreende a história das professoras/educadoras de Corrente(PI). Em que a educação é um processo lógico de emancipação, na perspectiva crítica, tendo o professor(a)/educador(a), em sua formação como agente social cujas ações se refletem na e sobre o mundo, transformando/melhorando a realidade.

<sup>30</sup> MAGALHÃES, Justino. O professor - um regenerador agrilhado. In: *Revista HISTEDBRON-On-line*, Campinas, n. 31, p. 4-17, set. 2008. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/31/art01\\_31.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/31/art01_31.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2014, p. 4.

<sup>31</sup> MAGALHÃES, op. cit., 2008, p. 4.

<sup>32</sup> TAVARES, José P. da Costa (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>33</sup> GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação como práxis política*. São Paulo: Summus, 1988.

### **Considerações finais**

Em resposta à questão proposta, apesar de estarem presas às normas, às imposições das políticas educacionais, ao poder, ou seja, ter que enfrentar vários desafios, as professoras, por meio de ações conscientes – transformadoras, de forma organizada, sistematizada, por meio de decisões e escolhas, mudaram a realidade pessoal e social em Corrente(PI). No entanto, ainda é necessário e urgente reconhecer a mulher (professora) como um ser de afetos, de criatividade, e construtora de sua autonomia, que precisa ser reconhecida e respeitada em suas diferenças, na procura de um educar e educar-se para a construção de um ser verdadeiramente humano, refletindo de forma consciente e crítica os efeitos de suas práticas no e sobre o mundo. Portanto, com desafios vencidos, lutas e determinação, essas mulheres, por meio de decisões conscientes, tiveram suas vidas transformadas pelas ações educativas, construindo a história das instituições confessionais e a história da educação, possibilitando que outras pessoas possam educar e educar-se para construir/transformar a realidade.

### **Referências**

#### *Bibliografia*

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- GALVÃO, Ana Maria de; LOPES, Eliana Marta Teixeira. *Território Plural: a pesquisa em história da educação*. São Paulo: Ática, 2010.
- GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação como práxis política*. São Paulo: Summus, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.
- MAGALHÃES, Justino. Mediações da cultura escolar: a prática como normatividade. In: FERNÁNDEZ, Antonio José Gonsalves; TOCINO, G. E.; MIRANDA (EDS), M. B. *La escuela y sus escenarios*. Actas de los IX Encuentros de Primavera en El Puerto. El Puerto de Santa María, 2007.
- \_\_\_\_\_. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G. (Org.). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produções e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2005.
- LANDIM, J. P. *Resgate de um débito*. Salvador: EGBA, 2013.
- Cordis*. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 83-98, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

MEIHY, J. C. S. B.; LANG, A. B. da S. G.; Revista História Oral: um auto-olhar. In: História Oral: *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.7, v.7, jun. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

NOGUEIRA, Edy Guerra. *Maravilhosa e abençoada história: Igreja Batista de corrente 100 anos a serviço do Senhor da Seara*. Teresina-PI: Halley, 2003.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 2. ed.

São Paulo: Vozes, 1979, coleção de Sociologia Brasileira, vol. 4.

TAVARES, José P. da Costa (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

VEIGA, I. P. A. *A aventura de formar professores*. Campinas, SP: Papirus, 2009.

WEINSTEIN, Bárbara. A pesquisa sobre identidade e cidadania nos EUA: da Nova História Social à nova História Cultural. *Revista Brasileira de História*. São Paulo v.16, n.35, p. 227-246, 1998.

YUNES, Maria Ângela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, José. *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.13- 42.

#### Fontes

AVELINO, Maria da Conceição. *Maria da Conceição Avelino: depoimento oral* [jan. 2014]. Entrevistadora: Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira. Corrente, PI, 2014. 1 Aparelho digital – sonoro (50 min). Entrevista (História de vida) concedida para o doutorado em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI/PI.

BRASIL. *Decreto 34.638/53 | Decreto nº 34.638, de 17 de novembro de 1953*. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/116558/decreto-34638-53>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

MAGALHÃES, Justino. O professor - um regenerador agrilhoado. In: *Revista HISTEDBRON-On-line*, Campinas, n. 31, p. 4-17, set. 2008. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/31/art01\\_31.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/31/art01_31.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2014.

NOGUEIRA, Edy Guerra. *Edy Guerra Nogueira: depoimento* [jul. 2004]. Entrevistadora: Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira. Teresina, PI, 2004. 1 cassete sonoro (45 min). Entrevista concedida durante a pesquisa de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Piauí – UFPI/PI.

*Cordis*. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 83-98, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

PARANAGUÁ, Carmem Alayde Nogueira . *Carmem Alayde Nogueira Paranaguá: depoimento* [jan. 2014]. Entrevistadora: Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira. Corrente, PI, 2014. Aparelho digital – sonoro (50 min). Entrevista (História de vida) concedida para o doutorado em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI/PI.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista TRAVERSESES*. nº 40. 1989. p. 15. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?perrot%20michelle1ticas20feminina>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral e Poder*. 2010. Disponível em: [http://alessandroportelli.blogspot.pt/2010\\_12\\_01\\_archive.html](http://alessandroportelli.blogspot.pt/2010_12_01_archive.html). Acesso em: 28 jun. 2014.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995. Disponível em: <[http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf) >. Acesso em 20 jun. 2014.

**Recebido em 18 de setembro de 2014; aprovado em 23 de fevereiro de 2015.**